ARQUITETURA E COERÇÃO: UMA ANÁLISE DA ARQUITETURA ESCOLAR E A DOMESTICAÇÃO DOS CORPOS

CAIO FERNANDO ALVES DUARTE SANTOS

RESUMO
Esse artigo buscou desenvolver uma análise sobre a arquitetura escolar e relacioná-la à percepção dos alunos em relação ao espaço-escola a partir de três eixos centrais: a arquitetura como currículo oculto, a influência da mesma sobre o coletivo de alunos e os símbolos disciplinares e coercitivos dessa estrutura escolar. A obra Currículo, Espaço e Subjetividade, de Antonio Viñao Frago e Agustín Escalano, proporcionará a base teórica para a interpretação da arquitetura escolar como currículo oculto e, sobretudo, como expressão de um programa, de um discurso que instaura em sua materialidade um sistema de valores, de ideologias estrategicamente pensadas. No que concerne à percepção dos alunos, a análise partirá do questionário aplicado em uma amostra de 20 alunos contendo pares arquitetônicos de instituições privadas e públicas, dentre elas prisões e empresas para estabelecermos a inter-relação entre a fronteira público X privado. Além disso, exprimir quantitativamente a percepção dos alunos e deixá-la mensurável e inteligível. A disciplina e a parte simbólica coercitiva das estruturas escolares serão analisadas a partir da obra Vigiar e Punir, de Michel Foucault. A dimensão simbólica da arquitetura como relógios, distribuição das salas, portões em locais estratégicos ganhará espaço nesta análise não como uma forma física, mas como estratégica e tecnicamente pensada para formar uma cultura de controle e domínio sobre esses corpos.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura escolar, percepção discente, currículo oculto, espaço educativo, disciplina escolar, simbologia coercitiva.

ABSTRACT
This article aimed to develop an analysis of school architecture and relate it to students' perception of the school space based on three central axes: architecture as a hidden curriculum, its influence on the collective student body, and the disciplinary and coercive symbols of this school structure. The work “Curriculum, Space, and Subjectivity” by Antonio Viñao Frago and Agustín Escolano will provide the theoretical foundation for interpreting school architecture as a hidden curriculum and, above all, as an expression of a program—a discourse that instills, through its materiality, a system of strategically designed values and ideologies. Regarding students' perceptions, the analysis will be based on a questionnaire administered to a sample of 20 students, featuring architectural pairs from private and public institutions—including prisons and businesses—to establish the interrelation between the public-private boundary. Additionally, it will quantitatively express students' perceptions, making them measurable and intelligible. The discipline and coercive symbolic aspects of school structures will be analyzed through Michel Foucault’s Discipline and Punish. The symbolic dimension of architecture—such as clocks, classroom layouts, and strategically placed gates—will be examined not as mere physical forms but as elements strategically and technically designed to cultivate a culture of control and dominance over these bodies.

KEYWORDS: School architecture, student perception, hidden curriculum, educational space, school discipline, coercive symbolism.

INTRODUÇÃO

A escola e a residência na qual moramos são dois espaços que, talvez, influenciam nas primeiras estruturas espaciais e cognitivas de qualquer indivíduo. O espaço, nesse sentido, aparece como condicionante no aprendizado, apreensão dos símbolos e representações em que absorvemos no processo de construção educacional.

As primeiras lições, a formação dos corpos e o habitus estão estreitamente interligados a uma estrutura arquitetônica; crescer, desenvolver-se em espaços coercitivos condicionam, porém, não determinam as expressões corporais dos indivíduos. Pensar

a arquitetura escolar se torna fundamental para entendermos o coletivo de alunos, suas concepções e os fatores que impedem no processo de ensino e aprendizagem, além do comportamento dos mesmos.
Antonio Vinão Frago, em Currículo, Espaço e Subjetividade, mostra a afirmação acima, sobre arquitetura e formação dos esquemas corporais, no seguinte excerto: "A escola havia sido, ela, uma experiência decisiva na aprendizagem das primeiras estruturas espaciais e na formação de seu próprio esquema corporal".
Compreender tal arquitetura se impõe, portanto, a análise sociológica das escolas. A percepção dos alunos em relação a ela nos fornece informações importantes para a interpretação dessa relação, principalmente, para exprimirmos a fronteira existente entre público e privado.
Essa pesquisa se propõe a tal empreitada. O trabalho de campo em duas escolas (pública e privada) foi fundamental para expressar essa ligação da percepção dos alunos em relação à arquitetura escolar e a fronteira entre público e privado e como ela está relacionada a arquiteturas exteriores do espaço-escola, ou seja, prisões e empresas que são reproduzidas dentro do ambiente escolar.
A proximidade com os alunos e a análise dos depoimentos me ajudou a construir o material empírico para esse estudo. Além disso, o uso das fotografias e a construção de pares homólogos foi uma estratégia de pesquisa interessante, pois elucidaram de maneira acessível os contrastes e proximidades entre os espaços. A dimensão visual, portanto, mostrou uma eficiência maior em relação aos questionários somente escritos. Por se tratar da arquitetura escolar e não escolar, nada mais expressivo que o uso das fotografias.
A composição do questionário e sua aplicação foram simples: uma amostra de vinte alunos, tanto de escolas públicas quanto privadas, com uma escala de um a quatro, estabelecendo graus proporcionais de similitude, em que um equivalia a uma semelhança com forte relação e quatro com pouca relação. O questionário proporcionou a construção de gráficos, possibilitando a mensuração desse indicativo subjetivo – percepção entre público e privado dos alunos. Essa fronteira foi corroborada nessa pesquisa, como veremos a seguir.

DISCIPLINA, ORDEM E VIGILÂNCIA: A CULTURA ESCOLAR DO CONTROLE EM SUA FORMA MATERIALIZADA

Definir arquitetura escolar se torna uma tarefa extremamente complexa, pois, a polissemia que o meio acadêmico concedeu a esse conceito nos obriga recortá-lo conforme a necessidade do objeto estudado.
Destarte, podemos definir arquitetura escolar como algo formador e indissociável da cultura específica de cada escola, do programa pedagógico de cada instituição, do currículo oculto contido nela e, sobretudo, na ideologia e símbolos que a escola exprime.
A arquitetura ou, em outras palavras, a conjuntura que a forma pode ser definida como "(...) um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora de toda semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos". A análise do espaço escolar, portanto, deve partir da concepção de uma arquitetura como "(...) uma construção cultural que expressa e reflete, para além da materialidade, determinados discursos".
Na "Escola Estadual Sérgio Milliet da Costa e Silva", os valores de ordem, disciplina e vigilância estão exageradamente presentes. A figura abaixo elucida tal exagero.



As grades estão presentes em todos os espaços da escola: nos corredores, banheiros, na

sala de vídeo, biblioteca, no guichê de atendimento, nas quadras e em algumas salas de aula. A ênfase no controle sobre os corpos expressa uma intensão oculta e notória sobre o planejamento pedagógico e, sobretudo, exprime a ideologia específica da escola. Mas, qual seria essa ideologia?

Observei nos locais que serviriam para a expansão do conhecimento um controle burocrático da direção em relação à sala de vídeo e à biblioteca. A figura do cadeado e das grades são alegorias simbólicas do desprezo e do cárcere do conhecimento; isso pode parecer abstrato em demasia, porém, se atentarmos ao fato de que quem detém as chaves de tais locais é a diretora, conseguimos montar a estrutura de controle. Em primeiro lugar, porque a relação entre a direção e o aluno é distante, segundo o depoimento de alguns discentes. Isso implica numa coerção sobre professores e alunos para desfrutarem tais espaços. Em segundo lugar, isso gera uma problemática: o domínio sobre os espaços de conhecimento retira a autonomia dos professores em expandirem seus métodos de ensino, pois, ficam impossibilitados de usar as salas que permanecem fechadas.

Em relação à distribuição espacial e o controle dos locais, a distribuição configuração tripartite, segundo a minha interpretação, expressa determinados discursos. Tal discurso baseia-se num diálogo mudo, ou seja, num recado visual que extingue a interlocução entre os sujeitos. O ambiente da diretoria e da sala dos professores tenta impor sua hierarquia, principalmente, como medida espacial de distinção entre os alunos. A forma conservada, limpa e agradável para se estar é um dos aspectos que justifica os bons modos, a posição elevada no "processo civilizador" que os alunos – segundo alguns professores e funcionários – não chegaram. A comparação entre os dois espaços foi uma constante em toda pesquisa, partindo do discurso dos funcionários e professores.

Em contrapartida, o espaço dos alunos se mantém deteriorado. Colhendo depoimentos dos alunos e do professor de sociologia, tal espaço dos discentes não estaria deteriorado se houvesse uma reforma. Segundo João Carlos, os alunos "não destroem a escola porque são vândalos, mas exteriorizam como forma de protesto algumas manifestações para que ocorra a reforma" – que não acontece há mais de dois anos. A estrutura hierárquica que impõe – de cima para baixo – a ação bárbara como intrínseca aos alunos é outra característica que constitui o discurso dessa escola.

A distribuição em locais e espaços diferentes não se resume, somente, a um discurso hierárquico, oculto – ora de distanciamento, ora de pequenos diálogos –; ele se expressa como forma de disciplina. Na disciplina, segundo Michel Foucault, há elementos intercambiáveis, porém, sua unidade não está no território somente, mas na posição em que os indivíduos ocupam numa determinada posição na estrutura de dominação. (FOUCAULT, Michel, pp. 140-141). A arte em organizar tecnicamente os arranjos, os indivíduos, se aproxima da divisão tripartite. É na individualização desses corpos, os quais estão distribuídos em locais específicos e estrategicamente alocados, em redes de relações, que a direção escolar instaura os mecanismos de vigia. Protegem-se dos alunos ao mesmo tempo em que os controlam.

O Panóptico de Bentham não existe em sua forma pura, porém, o seu princípio se mantém em algumas arquiteturas escolares. Tal figura arquitetônica se baseia da seguinte forma: "(...) na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre: esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel (...) O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente (...) O Panóptico pode ser utilizado como máquina de fazer experiências, modificar o comportamento, treinar ou retreinar os indivíduos ".

A planta abaixo exprime a ressignificação do dispositivo panóptico em uma escola de 1936.



Os locais com o número três – a administração – estão estrategicamente localizados e voltados para os espaços dos estudantes. O princípio do não ser visto – por parte da direção – não se sustenta nesse caso, pois, os corredores e as salas estão sob um mesmo nível e num mesmo local de acesso. No entanto, não há espaço de socialização que não esteja sob a vigilância da escola.
No caso da escola "Sérgio Milliet da Costa e Silva", há essa estrutura arquitetônica, o que podemos visualizar na foto abaixo.



Há dois mecanismos de vigilância nessa composição arquitetônica: ao fundo do pátio temos um vidro com insulfilm que impede a visão dos alunos em relação ao espaço da direção, porém, a visão da direção é nítida em relação ao pátio. Na parte de trás – nessa foto não há como enxergar – há um portão que insula os alunos em relação a qualquer bem da escola, exceto às salas de aula. Esse portão controla o ir e vir dos alunos e em cada portão ou grade há um zelador que o controla a movimentação dos corredores ao pátio.
Diversas vezes houve conflitos por causa desse controle exacerbado. O portão, símbolo do controle desses corpos, era constantemente escalado e violentado na ausência dos zeladores, porém, com a chegada dos mesmos, os alunos cessavam o rebelar-se. A ideia de introjeção das regras e corpos dóceis exprime uma forte relação.
Nesse sentido, a semelhança dos mecanismos de controle e a arquitetura das escolas públicas em relação às instituições corretivas confirma a forte fronteira entre público e o privado, isto é, a escola pública semelhante às prisões e a escola privada semelhante às empresas. Posto o contexto da escola pública, passemos à análise da escola privada.
A segunda escola analisa foi o "Colégio Objetivo". Essa escola possui uma arquitetura extremamente diferente da primeira: as grades são praticamente ausentes, os alunos não são privados de bens básicos, como sala de informática e salas de vídeo. Há uma estreita semelhança com as arquiteturas das empresas, sobretudo com os setores administrativos. As novas formas do espaço-escola aparecem, muitas vezes, travestidas de uma estética de empresas, demonstrando um discurso e uma ideologia distintos da rede pública.
O discurso e a ideologia são simples, postos e introjetados de maneira natural nos alunos: a competição entre os mesmos é notória, pois a distribuição dos alunos em turmas com maiores resultados – em algumas unidades – expressa um projeto específico pedagógico.
A proximidade de uma cultura dos resultados, típica de empresas, constrói uma nova lógica e dinâmica nas grandes redes privadas, condicionando a concepção, em alguns alunos, como futuros membros classe dirigente. Outra influência dos resultados está materializada nas estruturas físicas da escola: quadros, faixas e propagandas dos resultados em grandes vestibulares constituem o clímax das competições externas e internas. Além disso, a extrema burocratização nessa escola, com divisões em departamentos: orientação, secretaria, guichê para pagamentos de provas substitutivas, forma todo um espaço distinto da rede pública. Observemos as figuras abaixo:







A comparação arquitetônica, portanto, mostra novamente a nítida fronteira entre o público e o privado. A vigilância e a ordem aparecem como medidas específicas em cada escola e podem ser analisadas em sua arquitetura, seus símbolos e suas ideologias.

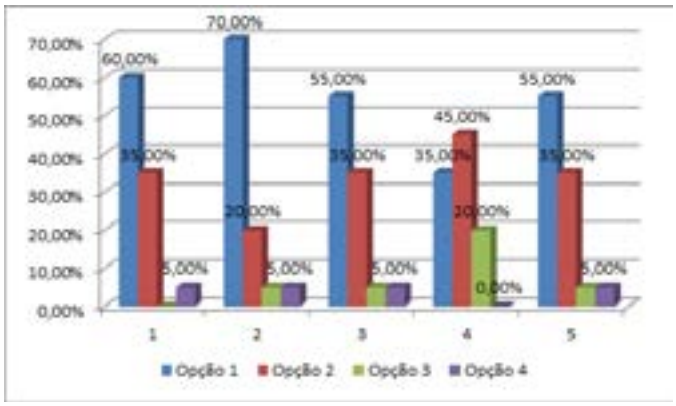
A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS EM RELAÇÃO À ARQUITETURA ESCOLAR

A percepção dos indivíduos está estreitamente relacionada ao espaço físico no qual estão inseridos. Tal percepção é intrínseca e específica de cada um, porém, a noção de espaço e suas representações não derivam somente da percepção pura; o sujeito mediante a inteligência imprime significados aos objetos e espaços. (Piaget 1949).

Assim, a tese Arquitetura escolar e educação: um modelo conceitual de abordagem interacionista, de Giselle Arteiro, estabelece essa relação entre arquitetura escolar e percepção. “Com essa apreensão do espaço, este passa a ter significados e valores que respondem a exigências sociais, determinando certo padrão de comportamento”. Como mostrei no capítulo anterior, o comportamento dos indivíduos – alunos, professores e funcionários – estão condicionados pela arquitetura.

Os alunos, nesse sentido, mostram um movimento comportamental complexo, em que varia entre o rebelar-se nos espaços de “liberdade” e o autocontrole – no sentido elisiano do conceito – sob o vigiar dos zeladores. Em contrapartida, os funcionários, que estão num posto determinado na estrutura escolar, possuem um comportamento que segue as regras e atende às exigências escolares.

Essa estrutura hierárquica que instaura o mando, a obediência, o vigiar, o organizar e disciplinar, é entendida pelo coletivo de alunos como um mecanismo de controle análogo às instituições prisionais; o que nos mostra o gráfico abaixo, numericamente.



O gráfico acima elucida a percepção dos alunos em relação à arquitetura escolar, instituições correcionais e empresas privadas. No que concerne à primeira fotografia (item 1 do gráfico) 60% dos alunos concordam plenamente com a semelhança entre as arquiteturas, 35% concordam parcialmente e somente 5% discordam plenamente. O número mais expressivo encontra-se na fotografia número 2 (item 2 do gráfico). Há 70% de indivíduos que concordam plenamente com a semelhança entre a quadra escolar e a quadra dos sistemas penitenciários. A chocante semelhança põe em foco questões para repensarmos o espaço escola, principalmente porque os mecanismos de controle influenciam diretamente na formação de cidadãos críticos e educacionalmente formados.

Em relação à escola particular, há um consenso entre a fotografia três (item 3 do gráfico) e a fotografia quatro (item 4 do gráfico); ambas mostram 55% de alunos que concordam plenamente com a semelhança dos pares arquitetônicos. Além da quantificação dessas duas fotografias, houve dificuldades em diferenciar uma arquitetura da outra. Alguns alunos respondiam que ambas eram prisões, não estabelecendo, portanto, a distinção.

A coexistência entre pesquisa qualitativa (depoimentos, trabalho de campo, etnografia, análise do discurso, etc.) e pesquisa quantitativa (mensuração das respostas do questionário em porcentagem) proporcionou construir fortes graus de semelhança. A nítida fronteira entre público e privado foi demonstrada, mesmo que haja limitações e obstáculos para afirmarmos com absoluta certeza tal reprodução de sujeitos e sujeitados via arquitetura escolar. No entanto, essa relação se mostrou forte, corroborando, até o presente momento, com o objetivo e com as hipóteses que a pesquisa se propôs.

CONCLUSÃO

A experiência de campo realizada no ambiente escolar constituiu-se como um elemento fundamental na consolidação da formação sociológica aqui analisada. Foi nesse espaço privilegiado que se tornou possível operacionalizar a dialética essencial entre teoria e prática, eixos norteadores do conhecimento científico. Conforme destacado desde as etapas iniciais da etnografia, o aparato teórico-metodológico da sociologia permitiu construir um olhar analiticamente distanciado, através do qual fenômenos institucionais puderam ser reinterpretados. Elementos outrora naturalizados em minha trajetória discente – agora revisitados sob a lente da pesquisa – emergiram problematizados, revelando nuances críticas que escapam à percepção cotidiana.

Ademais, a autonomia concedida na seleção temática, ainda que delimitada por parâmetros institucionais, representou um significativo ato de confiança epistemológica por parte dos docentes orientadores. Esse aspecto não apenas potencializou o engajamento discente, como também simbolizou uma relação pedagógica baseada na reciprocidade e no respeito intelectual. Tal dinâmica corroborou para uma atmosfera acadêmica produtiva, na qual os debates floresceram a partir de consensos construídos coletivamente, reforçando o caráter formativo do estágio. Por fim, a vivência evidenciou a importância do espaço escolar como laboratório social, onde categorias analíticas ganham materialidade, e a crítica sociológica se revela enquanto instrumento de transformação reflexiva.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen. Arquitetura escolar e educação: um modelo conceitual de abordagem interacionista. 2002. 202 f. Tese (Doutorado em Ciências em Engenharia de Produção), Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPE, Rio de Janeiro. 2002.

CARVALHO, Telma C. P. Arquitetura escolar inclusiva: construindo espaços para educação infantil. 2008. 322 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de São Paulo, São Carlos. 2008.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. 37. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2009.

FRAFO, Antonio V. Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. 2.

ed. RJ: DP&A. 2001.

ANEXOS



Banheiro E.E Sérgio Milliet da Costa e Silva



Banheiro Colégio Objetivo SCS.



Quadra: Colégio Objetivo



Quadra: E.E Sérgio Milliet da Costa e Silva



Sala: E.E Sérgio Milliet da Costa e Silva



Sala: Colégio Objetivo SCS.



Parte do Pátio: E.E Sérgio Milliet da Costa e Silva



Parte do Pátio: Colégio Objetivo SCS.



Dimensão Tripartite da Arquitetura E.E Sérgio Milliet da Costa e Silva



Entrada



Local dos: Secretário, Professores e Diretores.



Pátio dos Alunos.



E.E Sérgio Milliet da Costa e Silva



Sala de Video/ Auditório: Colégio Objetivo SCS



Colégio Objetivo SCS



Rampa de Acesso para Cadeirantes: E.E Sérgio Milliet



Sala de Video: E.E Sérgio Milliet



Elevador: Colégio Objetivo



Lixo Reciclável: E.E Sérgio Milliet da Costa e Silva



Propaganda: Colégio Objetivo



Lixo Reciclável: Colégio Objetivo



Alunos do E.E Sérgio Millitei da Costa e Silva.



Estrutura para deficientes visuais: E.E Sérgio Milliet